

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 011.44.66

Data 05 / 02 / 2007

() Compra (x) Doação () Permuta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**A VIOLÊNCIA EM SÃO *BERNARDO*: CONDIÇÕES PARA A
SOBREVIVÊNCIA HUMANA**

PONTES E LACERDA-MT
2006

82.03
V6575
EX-01
C92568925

JOSÉ MEDEIROS VIEIRA

**A VIOLÊNCIA EM SÃO BERNARDO: CONDIÇÕES PARA A
SOBREVIVÊNCIA HUMANA**

Trabalho apresentado ao Curso de Letras
da UNEMAT / Campus de Pontes e
Lacerda-MT, para obtenção parcial do
grau de Licenciatura Plena em Letras sob
orientação da Profª Ms. Susanne
Castrillon

**PONTES E LACERDA-MT
2006**

A VIOLÊNCIA EM SÃO BERNARDO: CONDIÇÕES PARA A SOBREVIVÊNCIA HUMANA

José Medeiros Vieira

BANCA EXAMINADORA

Profª Ms Renata Rolon (convidada)

Profª Ms. Elair de Carvalho (convidada)

Profª Ms. Susanne Castrillon (orientadora)

Aprovada em / / .

Dedico este trabalho à minha mãe, e a memória do meu pai. Estendo também meus agradecimentos à minha orientadora Profa. Susanne Maria Castrillon da Silva, à Prof. Lara, Sílvia, Renata, Elair e aos demais professores que fizeram parte desta caminhada. Seria injusto se não mencionasse aqui meus amigos, colegas, familiares e pessoas especiais, Alda e Alice, que me deram força e incentivo para concluir esta jornada importante da vida. Que Deus continue iluminando minha estrada e a estrada de todos aqui contemplados, e os que por ventura esqueci de citar.

Aos amantes das batalhas e revoluções...

Não há hibernação da cultura durante o combate. A própria luta, em seu desenrolar, em seu processo interno, desenvolve as diferentes direções da cultura esboça outras, novas. A luta de libertação não restitui à cultura nacional seu valor e seus contornos antigos. Essa luta que visa uma redistribuição das relações entre os homens não pode deixar intacta as formas nem os conteúdos culturais desse povo.

Franz Fanon

SUMÁRIO

RESUMO 8

INTRODUÇÃO 9

I – GRACILIANO, UM PROSADOR EM TEMPOS DE REVOLUÇÃO.....11

II –A VIOLÊNCIA ATMOSFÉRICA EM *SÃO BERNARDO*: PAULO HONÓRIO E SEUS CONFLITOS
RELACIONAIS 19

CONSIDERAÇÕES FINAIS 30

BIBLIOGRAFIA.....31

RESUMO

Compreender a proposta de recuperação do passado, através de um processo de reinvenção, pressupõe desvendar a natureza do colonialismo, atentando-se para dados que, ao ultrapassar a esfera da exploração econômica a que foram submetidos os povos oprimidos, exprimem a política de despersonalização cultural e psicológica sofrida.

Nesse sentido, essa pesquisa monográfica dedica-se a análise das relações humanas no romance *São Bernardo*, tomando como apoio teórico crítico o sociólogo francês Frantz Fanon que lança luzes sobre vários aspectos desse problema, apontando a violência como zona de libertação.

A metodologia utilizada nesse trabalho constou de uma leitura analítica e interpretativa do texto literário, tendo como elemento central da análise a personagem Paulo Honório.

PALAVRAS-CHAVE: SÃO BERNARDO – VIOLÊNCIA- PAULO HONÓRIO.

INTRODUÇÃO

No mundo ficcional de Graciliano Ramos a análise é facilitada pela força com a qual suas obras se impõem ao leitor, provocando uma comoção como é o caso de *São Bernardo*. Sua leitura desperta a cada tessitura uma nova descoberta.

Muito se tem escrito sobre a obra de Graciliano Ramos, e não parece esgotado o interesse por uma criação literária que registra com singularidade as relações sociais com todas as suas deficiências, denunciando os obstáculos enfrentados no caminhar do homem. Quem o lê acaba descobrindo uma evidência: é um escritor extremamente engajado a uma realidade nordestina árida, seca e amarga e, não se ilude, nem quer iludir o leitor, pois suas personagens, ao menos instintivamente lutam, gritam e têm consciência de que sobrevivem numa sociedade injusta. É assim com Paulo Honório em *São Bernardo*, personagem que vive a solidão e a degradação humana, numa vida malograda, vencido pela impotência de resolver suas deficiências humanas em relação aos outros e ao meio.

Submetido e violentado pelas leis neocolonizadoras, o protagonista quer aplicá-las como proprietário de terras, no campo das relações afetivas; sua transação comercial com Madalena – o casamento, é a metáfora denunciativa da exploração das elites e do monopólio exercido pelos poderosos sobre o outro, bem como a angústia humana ao confronto de si ao espelho, pois o personagem percebe sua deformidade, tornando mais contundente o resultado de suas ações.

O romancista, portanto, tem a preocupação em revelar o mundo interior de suas personagens. Como diria o crítico espanhol José Bergamin, confirmando

sua teoria sobre o romance: *o leitor perde-se no romance pra esquecer o seu mundo, mas encontra-se lá, reconhecendo que o seu próprio mundo está chamando a desaparecer: perder-se, para encontrar-se.* (IN: APUD COUTINHO: 1978, 29)

Assim, o autor oferece a 'medida da barreira' que isola os homens, mostrando a individualidade e o isolamento de cada personagem, pois Graciliano Ramos sendo (...) *meticuloso quer eliminar tudo o que não é essencial.*(...) *Seria capaz de eliminar páginas inteiras, eliminar os seus romances inteiros, eliminar o próprio mundo. Pra guardar apenas o essencial...o lírico.* (Idem: 1978, 25)

Deste modo, a leitura analítica de *São Bernardo* é um dos requisitos fundamentais pra construção do objetivo desse trabalho, pois implica a percepção entre texto e contexto.

Dividimos, então o trabalho em dois capítulos: no primeiro apresentamos uma reflexão sobre as renovações estéticas e culturais do contexto do Modernismo de 30, bem como expomos sobre as problemáticas sócio-históricas vividas no âmbito nacional e internacional. No segundo capítulo estabelecemos um diálogo entre o texto de *São Bernardo*, (onde utilizaremos a sigla (S.B) para identificar o romance nas citações), e a tese sobre a violência do sociólogo francês Frantz Fanon,(1961), apontando como hipótese que a violência, na obra do autor modernista, constitui-se em um discurso de engajamento e libertação cultural. Esperamos contribuir para os estudos acadêmicos sobre esse autor.

I – GRACILIANO, UM PROSADOR EM TEMPOS DE REVOLUÇÃO

As tristezas não foram feitas para os animais e sim para os homens; porém se os homens as sentem em demasia, tornam-se animais.

Miguel de Cervantes

Na obra de Graciliano Ramos a violência é um tema em constante movimento o que pode significar o atrito existente nas relações humanas. A este respeito lembramos que na obra *São Bernardo*, a personagem Paulo Honório é a face angulosa da opressão e da dor, pois nele há a inter-relação entre o homem e seu meio. Nessa ficção o autor regionalista propõe, em arte, o momento da realidade hostil em que Paulo Honório responde como um lutador à ação da violência capital. Lembremos, ainda, que a existência do protagonista arrasta-se na absolvição e na análise impotente das misérias de seu mundo, e, por não ter outra saída, resolve sua caminhada pela agressividade latente de um sistema de competição.

Nesse sentido, o sociólogo francês Frantz Fanon em *Os Condenados da Terra* discorre que a violência *como uma lança de Aquiles pode cicatrizar as feridas que ela mesma fez, levando-nos à parede, desenfreados na e pela ação violenta que velhos crimes requentados suscitam em nós* (1961: 21).

Não é preciso enumerar todos os processos de violência recriados na obra de Graciliano Ramos, que correspondem ao contexto sócio-histórico de um país atrasado e subdesenvolvido. Acreditamos que esse foi um período marcado

por fatores relevantes: os efeitos da crise econômica em 1929 com o crack da bolsa de Nova York; a radicalização política de Direita (Nazismo e Fascismo) e de Esquerda (Comunismo); o rompimento da dominação das oligarquias regionais e ascensão da nova burguesia; a Segunda Guerra Mundial e a crise cafeeira.

As narrativas de Graciliano Ramos do período do Modernismo de 1930 reúnem a produção literária mais significativa, pois buscam descrever particularidades geográficas e sócio-culturais, além de estudar as contradições da organização social para proceder a uma análise mais ampla das condições de vida dos trabalhadores rurais e urbanos.

Os abalos sofridos pelo povo brasileiro fazem da prosa um instrumento de crítica social, incorporando ao texto literário as particularidades sintáticas, fonéticas e vocabulares do falar regional, num estilo mais amadurecido, mais moderno, por dar enfoque direto dos fatos.

O depoimento a seguir feito pelo autor denuncia o forte laço regionalista:

"O que me interessa é o homem e homem daquela região aspérrima. Julgo que é a primeira vez que esse sertanejo aparece na literatura. Os romancista do nordeste têm pintado geralmente o homem do brejo (...). Procurei auscultar a alma do ser rude e quase primitivo que mora na zona mais recuada do sertão, observar a reação desse espírito bronca ante o mundo exterior, isto é, a hostilidade do meio físico e da injustiça humana. (...) Foi essa pesquisa psicológica que procurei fazer, pesquisa que o escritores regionalistas não fazem nem mesmo querem fazer, porque comumente não conhecem o sertão, não são familiares do ambiente que descrevem". (CASTRO: 2002, p.31).

Como notamos, Graciliano é um regionalista de cunho social direcionado ao nordeste do Brasil. Da Bahia ao Ceará e mais ao norte, o movimento regionalista se fundiu buscando o ambiente social, cultural e geográfico; Graciliano Ramos fez de seus romances verdadeiros documentários ou painéis descritivos da situação histórica e social humana. O acúmulo das antagonias sociais que se desencadeou pelas transformações do capitalismo mundial, apresenta-se recriado na ficção: um Brasil divergente dos salões da aristocracia do café e que se arrastava lentamente, apontando a forte herança patriarcal deixada no nordeste cativo, latifundiário e escravocrata.

Está, no drama dos seus romances, o dilema da sociedade nordestina, cuja estrutura dinâmica abriga uma inconsistência nascida da oposição entre valores morais básicos e o comportamento *violento* concreto.

Sua geração tem escritores como Jorge Amado, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, os quais captam os contrastes sociais e denunciam um espaço de angústias e conflitos, mas, nenhum o faz tão bem como Graciliano Ramos.

Com uma sensibilidade inigualável, o ficcionista desenhou nas tessituras das linhas do seu regionalismo o 'herói' problemático, recriando fortemente personagens verossímeis, precisamente na medida em que suas ações expressam o máximo de possibilidades contidas na classe social a que pertencem.

Entendemos que o Estado Novo e os conflitos da época, vieram ensinar muito aos intelectuais brasileiros e o Modernismo foi uma porta aberta para veicularem tais inovações. Observemos um comentário do crítico Alfredo Bosi em *História Concisa da Literatura Brasileira*:

“O Modernismo e, num plano histórico mais geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração – documento que então prevalecia”. (1994: 389).

À luz desse comentário podemos afirmar que a literatura de Graciliano Ramos participa de modo significativo e renovador na dinâmica da mobilidade social. Os seus romances voltam-se para o tratamento realista das questões do homem e da terra, discute criticamente as relações sociais de classe por meio da retratação objetiva da realidade brasileira, principalmente a regional, representando os seus ideais políticos.

O romance *São Bernardo* expõe com intensidade dramática as contradições que dividiam internamente as estruturas de poder, ultrapassando as discussões em torno do regionalismo. Nele, preserva a autenticidade da ambientação geográfica e cultural, o mundo de suas origens, sem perder a dimensão universal do drama humano *violento*, penetrando com um olhar ‘clínico’ na profunda miséria revelada no caráter humano.

O autor volta-se ao desnudamento dos anacronismos de uma sociedade primitiva, violenta e capitalista, fermentada pela atitude crítica e enriquecida das teorias sociológicas e psicológicas. A proposta temática do relacionamento humano é duramente ficcionada nessa narrativa. Faz uma denúncia sobre o tipo de relacionamento dos cônjuges e do jogo de interesses da sociedade capitalista, determinada pelas conveniências patriarcais.

De acordo com Jean-Paul Sartre em Prefácio de *Os Condenados da Terra*, (1961) essa estrutura colonialista resulta da transplantação e adaptação das potências coloniais européias ao nosso ambiente colonizado. Esse processo gerou um modelo de tendências conservadoras do poder em sua essência, denominado neocolonialismo. Como vemos este modelo serve para caracterizar a nação brasileira moldada por Graciliano Ramos.

Lúcia Helena Vianna, em seu artigo intitulado “O grito amordaçado ou Graciliano e a desconstrução do Romance Burguês” (2002), ao se referir ao sistema político e social da década de 1930 faz um parâmetro entre a narrativa de Graciliano e as transformações sociais pelas quais passava a sociedade brasileira. Comenta que as contradições na estrutura de poder da sociedade brasileira, ao serem ficcionadas por Graciliano, ofereceram ao leitor as relações que se construíram no processo de transformação operados na nossa realidade social: (...) *Principalmente na transição de um sistema sustentado pela economia agrária e senhorial, para o moderno regime de produção capitalista.* (Vol. 2:1992: p.37)

O crítico Benjamim Abdala Júnior em “Para além do Regionalismo”(IN: *Personae*), oferece-nos uma reflexão sobre essa estrutura colonial na transformação social brasileira de *São Bernardo*:

“A tragédia de Paulo Honório, na metáfora social do romance *São Bernardo*, poderia ser lida como a da própria burguesia brasileira, dividida entre as forças conservadoras e as do progresso. O contexto em que se inscreve o romance, coincide com uma fase do capitalismo brasileiro em que começa a ocorrer, ainda que tênue, a substituição das importações pelo crescimento industrial. No campo, a expectativa é a de que a fazenda seja

gerida como uma empresa, inserida assim num processo mais amplo de produção e consumo. Esse deslocamento aponta pra a mudança nos hábitos de regiões onde as práticas do capitalismo patriarcal eram muito fortes". (IN PERSONAE, 2001,p.186)

Esse posicionamento reafirma o que dissemos anteriormente a respeito das transformações pelas quais passavam os processos de produção nacional, assim, como apresenta de que maneira essas transformações operaram no comportamento do personagem Paulo Honório. Iremos mais adiante aproveitando das demais palavras do crítico Benjamim Abdala Júnior:

"Tais estímulos de modernização modelaram a maneira de ser de Paulo Honório. Vem daí seu desejo de modernização e de diversificação da produção. Tudo orientado para o mercado, para o consumo. Nessa corrida, são descartadas as esferas do prazer e da liberdade. Amor e dignidade, apagam-se em favor da empresa, do negócio. A estratégia do romance, é justamente denunciar essa situação através da particularidade nordestina, e mostrar como os valores humanistas acabam afinal por se impor à revelia da práxis social que valoriza a quantificação dos produtos materiais e humanos". (IDEM.2001,p.186)

Observamos tais aspectos quando em *São Bernardo*, a personagem Paulo Honório vai se valer de uma narrativa tecida pelo tempo psicológico, fragmentado de aceleração, suspensão de idéias e retrocessos de ações experimentadas. Na estratégia da narrativa, Paulo Honório narra e escreve sua história como um ato de libertação de todos os processos *violentos* experimentados em si e em outros personagens que fazem parte do seu meio.

Essa novidade narrativa em Graciliano torna-se elemento para entendermos que Paulo Honório despersonaliza-se, transformando em um duplo: de um lado a máscara dominadora de um fazendeiro explorador e de outro a máscara de um ser explorado pelas carências afetivas que procura convencer seus leitores de que 'a vida o fez assim'. Passamos, assim, a verificar que há duas linhas construindo o enredo as quais discorreram da violência psicológica, moral e física daquele ambiente ficcionado.

Neste sentido, Benjamin Abdala Júnior reflete:

"Do ponto de vista social, Paulo Honório é um empresário típico do" capitalismo selvagem ", predatório, sem nenhum compromisso social, atualizado nas condições históricas da oligarquia rural do Nordeste, região onde a sociedade patriarcal, de bases rurais, se entrecruza hibridamente com a sociedade burguesa, que alcançou hegemonia política nos centros urbanos a partir da década de 1930 cuja ascensão se realizou graças às relações predatórias com "mão-de-obra" semi-escrava". (IN PERSONAE 2001, p.186).

Verificamos portanto, que Paulo Honório encarna em suas idéias e ações os sinais de transformações sociais que se instalaram no Nordeste brasileiro; Intimamente ligado à burguesia rural, sua construção representa o tempo histórico da Revolução de 30, marco das mudanças significativas na sociedade brasileira. Nela, Paulo Honório luta pela manutenção do poder e, como consequência da desestabilização sócio-existencial vivida, ele não consegue diferenciar pessoas de coisas.

A importância desse tempo narrado, que desconhece suas limitações e descontinuidade, colhe-se pela memória do protagonista. Esse tempo da memória é uma importante questão da modernidade em Graciliano, pois a experiência do tempo revisitado é também um duplo: ora recuperam-se os fatos, ora criam-se.

É sob a ótica da renovação artística, que Graciliano Ramos capta a complexidade do mundo em que estão inseridos seus personagens, cumprindo uma espécie de travessia na construção de uma literatura que correspondesse ao estatuto de uma nação libertada e de um povo mais humanizado. É nosso objetivo no próximo capítulo discorrer sobre isso.

II –A VIOLÊNCIA ATMOSFÉRICA EM SÃO BERNARDO: PAULO HONÓRIO E SEUS CONFLITOS RELACIONAIS

*o gosto ardente da posse acima de qualquer
código a volúpia de mandar e de mandando,
oprimir.*

Carlos Drummond de Andrade

Para entendermos melhor a palavra 'violência' buscamos no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda (2002) os sentidos possíveis. Segundo esse dicionário por violência, entende-se a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). Tem por finalidade destruir, ofender e coagir.

Entendamos que essa violência é aquela que foge da ordem vigente e por isso é vista como negativa, diferente da violência de positiva de Fanon (2002) pois é dela que o ser se liberta. Também pode ser entendida no sentido descritivo, considerando substancialmente sinônimo de força, para as relações entre esses dois conceitos, ou seja, o poder. Assim, é a alteração danosa do estado físico de indivíduos ou grupos. O poder muda a vontade do outro, a violência, o estado do corpo ou de suas possibilidades ambientais e instrumentais. Naturalmente as intervenções físicas podem ser empregadas como um meio para exercer o poder ou para aumentar o próprio poder. Nesse sentido, a violência é ação-reação, pois quando o sujeito recebe a ação *violenta*, reage se libertando pela e na violência.

Os críticos José Luis Cabaço e Rita Chaves em: "Frantz Fanon: Colonialismo, Violência e Identidade cultural" (IN: ABDALA: 2005, 21) abordam a respeito da violência mundial, tendo o continente africano como referenciam onde relevam a importância da luta de Fanon pela libertação dos povos subjugados de uma forma geral e pela exclusão *violenta*. Comentam que o sociólogo francês afirma que a violência era o elemento propulsor das misérias do mundo.

Quando analisamos mesmo que superficialmente as causas da miséria, invariavelmente constatamos que o elemento que gerou tal situação passou, certamente, por algum processo de violência. Por outro lado, sabemos que num processo reverso, a situação miserável das pessoas quase sempre as leva a agirem com violência, numa atitude de luta por entenderem ser a única forma de sobrevivência.

Ao referir-se a violência como instrumento de persuasão dos colonizadores, Fanon afirma:(...). "um país colonial é um país racista" (1961, p.44) e ainda (...) "o homem colonizado liberta-se em e pela violência" (1961, p 81). Referindo-se ainda ao sistema colonialista de dominação, escreve:

"(...) os colonizados, subjugados coletivamente pela" violência atmosférica "que varre todos os regimes coloniais, só se podem libertar pela ação violenta coletiva contra o colonialismo personificado nos colonos. Essa violência, ele argumentava,"é a intuição que as massas colonizadas têm que sua libertação deve fazer-se e isso não pode acontecer senão pela força" (1961, p.68)

Graciliano Ramos publica seu romance *São Bernardo*, em 1936 e nele cria o protagonista da história como um personagem ambicioso, cruel, materialista, autoritário e *violento*. Essa personificação do capitalismo tem o poder econômico em suas mãos.

O romance é uma história memorialista em que Paulo Honório revela-se no texto. O seu 'eu' representa-o sobre duas ações divergentes separadas pelo tempo. A primeira consiste em viver, sofrer, participar de acontecimentos, retificar, desconfiar, matar: é o tempo da narrativa. E a outra, consiste em escrever o tempo do narrador. Sendo dois sujeitos na mesma pessoa, os dois atores entretêm entre si relações difíceis que a narração evidencia: o narrador do presente na escritura e a personagem no passado, tempo em que os fatos aconteceram. Os acontecimentos mais marcantes e trágicos de sua vida se passam na fazenda *São Bernardo*, onde cada espaço da casa têm uma história para contar, enquanto testemunho vivo de um acontecimento, revelando fatos para o leitor nos espaços em branco onde a personagem silencia.

Para perceber como a construção desse personagem na narrativa também traça as duas linhas da violência: uma tomada de ação-reação de si e uma outra sobre os outros.

O narrador personagem registra no primeiro capítulo quantas pessoas detém sobre o seu poder quando resolve escrever um livro de memórias e determina, autoritariamente a pessoas que deveriam ajudá-lo. As pessoas permaneciam à volta de Paulo Honório, sempre manipuladas por ele e dele nunca se desvencilham, porque eram totalmente dependentes:

Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho. Dirigi-me a alguns amigos e quase todos consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais (...) mas o otimismo levou água na fervura, compreendi que não nos entendíamos. (SB: 2000, p.07)

Essa situação criada no romance é a imagem do sistema econômico do capitalismo, onde o homem dominado pelo desejo de enriquecer e pelo espírito de produzir riquezas fica subordinado ao capital, força mais significativa para aqueles que detêm o poder de exploração sobre aqueles que vendem a força do trabalho.

A primeira fase da vida de Paulo Honório é marcada pela sua origem incerta, a certidão que confirma sua idade não traz o nome de pai nem de mãe, fora criado pela velha Margarida que vendia doce. Quando menino rolou pelo mundo, trabalhando na enxada a cinco tostões por doze horas de serviço. O fato que marca definitivamente sua vida foi aos dezoito anos quando esfaqueou um rival e recebeu como punição três anos de cadeia. Sai daquele lugar surrado pela autoridade arbitrária e determinado em reverter os papéis que ocupava.

Essa fase, marcada pela ausência de objetivos e de ambições, será modificada por uma intensa luta pelo capital como arma para não sofrer mais as brutalidades a que um homem sem propriedades sólidas está sujeito. Paulo Honório, conhecendo seu ambiente e seus valores, tira o título de eleitor para garantir sua proteção política, pede dinheiro emprestado a juros altos e inicia sua luta pela posse, seguindo a linha da sociedade capitalista.

É importante destacar que adquire sua propriedade de forma duvidosa e torna-se um fazendeiro poderoso, de caráter enérgico e dominador. Paulo Honório tem consciência que os desprotegidos e subjugados sofrem mais violências do que os que gozam de privilégio, reafirmando, portanto a relação neocolonizadora entre o opressor e o oprimido:

Caboclo mal-encarado que encontrei um dia na casa do Mendonça também se acabou em desgraça. Uma limpeza. Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados por cobra, outros pela cachaça, outros matam-se. (SB: 2000, p.38)

Um exame dessa realidade com um olhar interpretativo sobre o terreno das produções simbólicas que aqui encontramos, confirmam a ação violenta penetrando no mundo das relações, atingindo o indivíduo, pois ela é a ação de um contra outro e contra si mesmo. Paulo Honório tentava ainda justificar seus atos *violentos*:

(....) Fiz coisas boas que me trouxeram prejuízos; fiz coisas ruins que me deram lucro. E como sempre tive a intenção de possuir as terras de São Bernardo, considereei legítimas as ações que levaram a obtê-las. (S.B:2000,p.39).

A violência também suportada na infância sugere que os conflitos não são solucionados através da justiça ou da religião, mas sim pelas agressões:

a princípio o capital se afastava de mim(...)
(...)dormi na areia dos rios secos, briguei com gente que fala aos berros e efetuei transações

comerciais de armas engatilhadas. (S.B:1999, p 12).

Assim, o narrador Paulo Honório situa seu leitor das dificuldades por ele enfrentadas durante sua jornada pelo sertão e justifica o uso da violência como forma de sobrevivência no ambiente hostil em que ele vivia.

No processo de entrelaçamento dos tempos, temos na narrativa o desenrolar das negociações comerciais no ambiente sertanejo por Paulo Honório. Ele situa o leitor sobre a violência psicológica que reinava durante os acertos comerciais. Esses acertos se davam mediante ameaças de violência física:

O doutor que ensinou rato a furar almotolia, sacudiu-me a justiça e a religião. Que justiça! Não há justiça nem há religião. O que há é que o senhor vai espichar aqui trinta contos e mais os juros de seis meses. Ou paga ou mando sangrá-lo devagarzinho. (S.B: 2000, p.14).

Para alcançar o seu objetivo principal, a posse das terras de São Bernardo, arquiteta manobras para conseguir tal intento, emprestando dinheiro para Padilha, o dono das terras, e tempos cobrando a dívida. Paulo Honório avança e recua nas negociações para testar a resistência de Padilha, alça, assim, mão do subterfugio de depreciação da propriedade, vence a resistência de Padilha, mas sua ação corrupta e violenta não termina aí. Observemos:

para evitar arrependimento, levei Padilha para a cidade. Vigiei-o durante a noite. No outro dia cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura. Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa, e entreguei-lhe sete contos quinhentos e cinquenta mil réis. Não tive remorsos. (S.B: 2000, p.24)

A partir daí temos na narrativa uma outra fase de Paulo Honório na história, pois a força de sua ganância aliada a sua personalidade violenta, fazem com que crie situações para o aumento do seu capital e ele próprio, como narrador-personagem, se declara ao leitor: *Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes.*(S.B:2000, p.40). Esse discurso colonialista traz a tona como o nosso personagem é construído pelos traços do opressor. Isto porque vê o seu enriquecimento corrupto como trabalho e, em contra partida, anuncia que os pobres só estão nessa condição por serem preguiçosos. Força-nos a ver a elaboração de um homem que constrói sua alma sobre a própria situação material, parecendo que tudo não passa de acessório de fortuna. Eis aqui, portanto, o intertexto do discurso dos povos colonizadores no trabalho civilizacional o qual fomos submetidos.

O tipo burguês bruto do personagem é, desde a sua origem, destinado a frustrações e a falta de realizações humanas. Ao firmar sua posse e a expansão de *São Bernardo*, Paulo Honório pensa estar realizado e independente, mas como todo ser projetado pela verossimilhança, busca eternizar-se através da descendência. Incapaz de idealizações afetivas, a personagem visita mentalmente as moças casadoiras que conhecia. Como homem prático, revestido de autoridade, não pensa nelas simplesmente: as 'revistas', apontando mais uma vez a transferência do mundo sentimental para a lógica do mundo capitalista:

"e recomecei a elaborar mentalmente a mulher a que me referi no princípio deste capítulo. Revistei a Mendonça, a Gama, a irmã do Gondim (eu nem sabia como se chamava a Gondim) e dona

Marcela do doutor Magalhães. Dona Marcela era um pancadão. Cada olho! O que tinha de ruim era muita tinta no rosto e muitos ss na conversa. Paciência. Perfeito só Deus". (SB: 2000, p.60)

Já Paulo Honório, do latim Paullus derivado de pouco, era termos que indicava pessoa de baixa estatura. Honório designa *o que irá receber honras*. O personagem apresenta-se na narrativa como um homem grande e desajeitado no romance e com pequenas honras, o que pode ser visto como maneira de projetar o herói decadente, ou anti-herói moderno pelo escritor. Essas imagens de Madalena e Paulo Honório aparecem-nos como indício do conflito que se adensará no romance.

Há entre eles o contraste várias divergências, e a mais contundente são Madalena ter idéias socialistas e Paulo Honório idéias capitalistas. Ao entrar em contato com os explorados que trabalhavam na fazenda, Madalena passa a ter conhecimento das humilhações que lhes eram impostas por Paulo Honório. Então, as conversas amenas tornaram-se mais ásperas e a violência dominando o ambiente das conversas:

(...) outra coisa, continuou Madalena. A família de mestre Caetano está sofrendo privações.

- Já conhece mestre Caetano? Perguntei admirado. Privações, é sempre a mesma cantiga. A verdade é que não preciso mais dele. Era melhor ir cavar a vida fora.

Doente...

-Devia ter feito economia. São todos assim, imprevidentes. Uma doença qualquer, e é isto: adiantamentos, remédios. Vai-se o lucro todo....(...) (S.B:2000, p.96)

O tratamento dispensado aos empregados por Paulo Honório reflete o seu sentimento de desprezo:

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como o Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo. Bois mansos. (S.B:2000.p 183").

Essa visão que a personagem tem dos seus empregados é a de propriedade, porém sem que percebesse e pudesse segurar a rédea do seu destino, o mundo caminha ao revés de sua vontade, pois se apaixona pela esposa ao mesmo tempo em que a propriedade começa a entrar em crise.

A dualidade de Madalena repousa na divisão da sua personalidade entre o velho e o novo. Ao receber a proposta de casamento de Paulo Honório, pensa em termos de negócios que podiam favorecê-la, pois casada poderia ter proteção e segurança ao lado daquele senhor de terras. Tal aceitação demonstra que o contrato de casamento era conveniente a ambas as partes, no entanto a protagonista tem a profissão e isto lhe oferece independência intelectual. Assim, se o casamento representa o modo social antigo, à vontade de participar politicamente das causas sociais, ajudando os desvalidos, significa o lado moderno e urbano de sua alma. E esse é o lado oposto que o seu cônjuge não consegue compreender, porque é seu reflexo oposto, o que está ausente, a ponto dele afirmar que ela não passa de uma estranha: *viver com uma pessoa na mesma casa, comendo na mesma mesa, dormindo na mesma cama e perceber ao cabo dos anos que ela é uma estranha.* (S.B.2000: p.150)

A generosidade de Madalena é vista pelo companheiro com antipatia pois, o dominador não gosta de mudanças acentuadas. Ele gostaria que tudo ficasse

imutável, para que ninguém mais tivesse fome e exigisse jantar. Como vemos o personagem vai liquidando todas as formas de vivência humana para alcançar o poder.

Essas considerações revelam de forma esclarecedora a fase já adiantada da história de Paulo Honório. Madalena acuada com as injustiças praticadas por ele contra aqueles que ela tentava defender e contra ela própria, suicida-se, libertando-se pela violência das mazelas existenciais. Essas atitudes de violência psicológicas, visíveis no desenvolvimento da trama da história serão ponderações e arrependimento do narrador-personagem, o outro eu de Paulo Honório, percebendo finalmente que seu maior inimigo na vida era o sistema da competição.

Essas confissões são refletidas tardiamente por um homem que durante sua vida foi explorado e explorador. Suas atitudes violentas para a resolução de seus problemas levam-no a uma auto análise, talvez na tentativa de corrigir a rota do seu destino:

“- O que estou é velho. Cinquenta anos pelo São Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. Cinquenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! Que porcaria! Não é bom vir o diabo e levar tudo?” (S.B: 2000, p.181)

Verificamos a angústia do personagem, causada pelas descontinuidades da vida. Como os universos movem-se oponentes, o personagem

percebe-se como um animal e opta pela desarmonia, pois seu contrário poderia conduzir a uma falsa harmonia romanesca e social. Seu próprio ato de narrar está preso a frustrações de base, as suas palavras se tornam amargas, duvidosas, aliás, o próprio enredo enseja o espírito conflituoso do personagem, uma vez que *São Bernardo* sintetiza, critica e ironiza as atitudes do sujeito social, demonstrando seu caráter fanático pela posse, seja de objetos e coisas, mesmo que tenha que obter pela força violenta.

Seu desabafo final não transparece mais a voz do explorador que matava, batia, humilhava, mas de um homem abandonado, vítima da própria violência que o neocolonialismo projeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a pesquisa realizada, consideramos que em *São Bernardo* as vidas se misturam ao meio hostil que compõe o pano de fundo da narrativa, não havendo perspectivas para os personagens se afastarem do fim melancólico, da dureza da realidade nua e crua, pois rodam e voltam ao ponto inicial: a violência como forma de sobrevivência. A desarmonia, a divisão social e ideológica, a submissão, a ignorância, a miséria, entre outros fatores contribuem para estreitar e denunciar uma realidade brutal.

Conclui-se, portanto, que a violência se dá pela hostilidade do ambiente capitalista onde o personagem Paulo Honório não tem espaço para idealizações. Ele revela muito de nós e da nossa luta pela sobrevivência, pois a maneira que criou aponta para o sentimento de poder sobre as coisas e os homens. Isso acarreta a segregação para com os outros e o medo da perda lhe torna um homem afetivamente doente e problemático a que Antonio Candido em *A Personagem de Ficção* tão bem define para os romances de herói decadentes do Modernismo.

BIBLIOGRAFIA

ABDALA, Benjamin. *Mestiçagem, hibridismo cultural e outras misturas*. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. *Personae: Grandes Personagens da Literatura Brasileira*. São Paulo: Senac, 2001.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ática, 1992.

_____, PRADO, Décio de Almeida ET AL.. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CASTRO, Dácio Antonio de . *Leitura: Vidas Secas de Graciliano Ramos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

CHAVES, Rita e Cabaço. "Fanon: Colonialismo e Violência". In: ABDALA, Benjamin. *Mestiçagem, hibridismo cultural e outras misturas*. São Paulo: Edusp, 2004.

COUTINHO, Afrânio. *Coleção Fortuna Crítica*. Ed. Rio de Janeiro: Brasileira, 1978.

_____. *A literatura no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Global, 1999.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário de Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 2002.

LARROUSE. *Dicionário etimológico*. São Paulo: Ática, 2002.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 16 ed. Porto: Porto Editora, 2000.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 95ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.